

**Antes temido do que amado: a queda de Alexandre, o Grande, no Epítome das Histórias Filípicas de Pompeio Trogo**

Jéssica Frutuoso Mello  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)  
jessicafrutuoso.m@gmail.com

**RESUMO:** O *Epítome das Histórias Filípicas* situa-se entre os séculos II e IV de nossa era e tem como base a obra histórica de Pompeio Trogo, da qual seu abreviador, Justino, explicita ter recolhido os feitos que poderiam servir de *exemplum*. Tendo em mente que a versão de Justino pode ser considerada uma das mais negativas legadas pela Antiguidade sobre Alexandre, o Grande, recorta-se a representação do conquistador para analisá-la partindo do conceito de *exemplum* discutido por autores como Quintiliano e Rebecca Langlands (2018). Nota-se que, embora tenha virtudes, o rei passa por um processo de degeneração em meio a suas conquistas, de modo que seus vícios se sobressaem. Esse processo, que é marcado por seu afastamento geográfico e moral em relação à Macedônia, fará com que seja temido por aqueles que lhe eram mais próximos e levará a seu assassinato.

**Palavras-chave:** Alexandre, o Grande; *Epítome das Histórias Filípicas de Pompeio Trogo*; *exemplum*; Justino.

---

227**Rather feared than loved: the fall of Alexander the Great in the Epitome of the Philippic History of Pompeius Trogus**

**ABSTRACT:** The *Epitome of the Philippic History* dates from between the second and fourth centuries of our era and is based on the historical work of Pompeius Trogus, from which its abreviator, Justin, explains that he collected the deeds that could serve as *exemplum*. Bearing in mind that Justin's version can be considered one of the most negative narratives about Alexander the Great provided by Antiquity, we analyze his representation of the conqueror based on the concept of *exemplum* discussed by authors such as Quintilian and Rebecca Langlands (2018). It can be seen that, although the king has virtues, he goes through a process of degeneration in the course of his conquests, so that his vices stand out. This process, which is marked by his geographical and moral distancing from Macedonia, will lead to him being feared by those closest to him and to his assassination.

**Keywords:** Alexander the Great; *Epitome of the Philippic History of Pompeius Trogus*; *exemplum*; Justin.

## Introdução<sup>1</sup>

Não dispomos de muitas informações quanto ao autor e ao momento de produção do *Epítome das Histórias Filípicas de Pompeio Trogo*. Dado que Trogo teria escrito sua obra histórica sob o reinado de Augusto ou Tibério e que Jerônimo nomeia Justino em seu *Comentário a Daniel* (*In Dan.* PL 25 494A), a abreviação pode ser localizada entre os séculos II e IV de nossa era. Já sobre seu autor, o pouco que sabemos parte do próprio *Epítome*, principalmente do prefácio: Justino tivera contato com as *Histórias Filípicas* em um momento de ócio em Roma e se dedicara a recolher delas “os fatos mais dignos ao conhecimento”<sup>2</sup> (*Prae.* 4) para que pudessem entreter e ensinar. Além disso, mesmo seu nome é incerto, visto que é legado em certos manuscritos no genitivo, o que nos impossibilita de precisá-lo. Tornou-se corrente, então, que o nomeasse como *Marcus Iunian(i)us Iustinus* (ARNAUD-LINDET, 2003).

Em termos de conteúdo, Justino divide o *Epítome*, tal como sua fonte, em 44 livros de tamanhos variados, em que aborda, em linhas gerais, a passagem de poder entre os povos. Começa-se, então, com Nino, rei dos assírios, responsável por alterar um costume antigo e iniciar, por ambição, o processo de ampliação de suas fronteiras, e se segue uma linha mais ou menos cronológica até o livro XLII, em que se trata da devolução das insígnias romanas a Augusto, realizada pelo rei parta Fraates IV. Os últimos dois livros abordam a Hispânia, Roma e Marseilha. Ao longo da obra, destacam-se as figuras dos principais governantes das diferentes soberanias, e ocupam a posição central do texto as figuras de Filipe II da Macedônia e Alexandre, o Grande, sendo este o foco deste artigo. Como Justino explicita seu interesse na recolha de *exempla*, valemo-nos desse conceito para analisar a figura do conquistador.

Cícero (*Orat.* 120 e 169), Quintiliano (*Inst.* 5.11.6 e 16-17) e o autor da *Retórica a Herênio* (4.2) destacam a relevância dos *exempla*, considerando-os como fonte de autoridade e deleite ao recortar um feito notável do passado e emprestar a um discurso sua credibilidade por permitir divisar na prática um ato de virtude ou de vício. Todavia, esses autores debruçam-se sobre determinado tipo de uso de *exempla*, ou seja, quando o *exemplum* é retirado da narrativa histórica para contribuir com uma função específica – a de persuasão (Quint., *Inst.* 5.11.6) – em discursos forenses.

---

<sup>1</sup> Este texto é uma versão de uma das seções da tese intitulada “*Farei de você um exemplo*”: tradução integral, com notas e comentários, do *Epítome das Histórias Filípicas*, de Justino, desenvolvida pela autora (MELLO, 2024, p. 142-76) com financiamento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES, Código de Financiamento 001).

<sup>2</sup> [...] *cognitione quaeque dignissima* [...]. As citações do texto de Justino partem da edição proposta por Marie-Pierre Arnaud-Lindet, a qual aparece junto à tradução na tese citada na nota anterior e cf. Justino (2024). Todas as traduções são de minha responsabilidade a menos que se expresse o contrário.

O *Epítome*, por outro lado, configura-se como uma mina de *exempla*<sup>3</sup>, em que poderiam ser observados e dela extraídos. Conforme destaca o próprio Justino (*Prae.* 1), esse tipo de estrutura também cumpre um papel educativo, o qual se concretiza ao tornar o entendimento de um conceito abstrato mais tangível por seu emprego em uma ação concreta e, por isso, tida como possível de ser emulada, evitada ou adaptada conforme o contexto de atuação daquele que aprende com sua observação (LANGLANDS, 2018, p. 8 e 46; ROLLER, 2018, p. 4).

Nesse contexto, Alexandre, o Grande, ocupa uma das narrativas individuais contínuas mais longas da abreviação, motivo pelo qual há a possibilidade de que apresente mais detalhes em sua construção. Aqui, buscamos demonstrar como, embora suas ações possam ser destacadas isoladamente enquanto *exempla*, o conjunto de sua atuação revela um processo de degeneração de seu caráter.

### 1. “Uma obra maior do que a mortalidade humana”<sup>4</sup>: como Alexandre se constrói em Justino

A presença de Alexandre é marcada no *Epítome* antes que o relato de seus feitos inicie-se de fato: por vezes, aparece como comparante de outros soberanos – por exemplo, Semíramis (Just. 1.2.9) – ou como personagem secundária em suas histórias, como quando seu pai o integra às suas colunas para que comece seu treinamento militar (cf. Just. 2.4.32-3; 7.2.4; 9.1.8; 9.4.5). Ademais, embora o narrador exima-se da responsabilidade pela informação – *creditum est* (“acreditou-se”) –, sugere-se sua participação no assassinato de Filipe II (Just. 9.7). Todavia, como ali há maior destaque às ações de sua mãe (Just. 9.7.9-14), pode-se considerar que sua narrativa mais individual ocorre a partir do último capítulo do livro IX, quando Justino compara-o a seu antecessor<sup>5</sup>:

[11] [a] ele [Filipe], sucedeu seu filho Alexandre, maior que o pai em virtude e em vícios. [12] Por isso, os meios para vencer eram, para ambos, distintos. Este preparava a guerra em campos abertos, aquele com artifícios. Aquele se alegrava com os inimigos enganados, este, destroçados às claras. [13] Aquele foi mais prudente em seu parecer, este, mais elevado em ânimo. [14] O pai dissimulava a sua ira e, muitas vezes, também a vencia; este, quando se tivesse irritado, não havia adiamento, nem moderação de sua vingança. [15] Ambos eram muito ávidos por vinho, mas os vícios da embriaguez eram distintos. O costume do pai era lançar-se ao inimigo até saído de um banquete, ir à peleja, expor-se ao perigo

<sup>3</sup> Como é natural em um texto de caráter historiográfico, tal como destacam, por exemplo, Diodoro Sículo (1.1.1-4) e Tito Lívio (1 *Prae.* 10).

<sup>4</sup> [...] *maius humana mortalitate opus* [...] (Just. 12.16.2).

<sup>5</sup> Para nossa análise da figura de Filipe, consultar Mello (2024, p. 113-34).

temerariamente; Alexandre enfurecia-se não contra o inimigo, mas com os seus. [16] Por isso que, amiúde, as batalhas devolviam Filipe ferido, enquanto este, frequentemente, saía de um banquete como um carrasco dos amigos. [17] Aquele não queria reinar com amigos, este exercia o poder sobre os amigos. O pai prefere ser amado, este, temido. [18] A cultura das letras era similar em ambos. O pai era maior pela sagacidade, este, pela lealdade. [19] Filipe era mais moderado em suas palavras e em seu discurso, este, em suas ações. [20] O ânimo do filho era mais disposto a poupar os vencidos e mais honesto. O pai fora mais entregue à frugalidade, o filho, ao luxo. [21] Com essas habilidades, o pai lançou os alicerces de um império mundial, o filho consumou a glória de toda sua obra<sup>6</sup> (Just. 9.8.11-21).

Dado o momento em que acontece a comparação, permite-se ao leitor avaliar o julgamento a respeito das ações de Filipe a partir do que fora exposto anteriormente. Em linhas gerais, a narrativa constrói-o principalmente como portador da *moderatio* (MELLO, 2024, p. 125), a qual, segundo Valério Máximo (4.1.pr.), “[...] não permite que nossas mentes sejam tomadas pelo impulso do excesso e do desatino [...]”<sup>7</sup>. Essa virtude liga-se, por exemplo, à sua capacidade de ser misericordioso diante do inimigo dominado (*clementia*) e de dimensionar as consequências de suas decisões (*prudentia*). Mesmo assim, nota-se também a quebra de *fides* em seus acordos quando estes não mais lhe beneficiam, e sua morte será ocasionada, em parte, pelo tratamento injusto dado a Pausânias, devido à sua inação somada ao riso diante da denúncia do estupro do jovem perpetrado pelo cunhado do rei e seus amigos (cf. Just. 9.6.4-8).

Ao mesmo tempo que essa apreciação sobre a atuação de Filipe ocorre, cria-se uma expectativa quanto à de Alexandre, que parece tender mais ao negativo, mesmo que este seja responsável pelo ápice do poder macedônio. Tal expectativa poderia alinhar-se ou não com aquela que o leitor teria por já conhecer outras versões da história de Alexandre, visto que, conforme Ian Worthington (2010, p. 167-8), a opinião sobre o conquistador variou ao longo do tempo,

<sup>6</sup> [11] *Huic Alexander filius successit et uirtute et uitii patre maior.* [12] *Itaque uincendi ratio utrique diuersa: hic aperta, ille artibus bella tractabat; deceptis ille gaudere hostibus, hic palam fusis.* [13] *Prudentior ille consilio, hic animo magnificentior.* [14] *Iram pater dissimulare, plerumque etiam uincere; hic ubi exarsisset, nec dilatio ultionis nec modus erat.* [15] *Vini nimis uterque audis, sed ebrietatis diuersa uitia: patri mos erat etiam de conuiuio in hostem procurrere, manum conserere, periculis se temere offerre; Alexander non in hostem, sed in suos saeuiebat;* [16] *quam ob rem saepe Philippum uulneratum proelia remisere, hic amicorum interfector conuiuio frequenter excessit.* [17] *Regnare ille cum amicis nolebat, hic in amicos regna exercebat. Amari pater malle, hic metui.* [18] *Litterarum cultus utrique similis. Sollertiae pater maioris, hic fidei.* [19] *Verbis atque oratione Philippus, hic rebus moderatior.* [20] *Parcendi uictis filio animus et promptior et honestior. Frugalitati pater, luxuriae filius magis deditus erat.* [21] *Quibus artibus orbis imperii fundamenta pater iecit, operis totius gloriam filius consummauit.*

<sup>7</sup> [...] *mentes nostras in potentiae et temeritatis incurso transuersas ferri non patitur.*

tendendo à hostilidade em I AEC, mas à simpatia no século II EC, em consequência da ascensão do filelenismo. Ainda que Justino esteja inserido no segundo momento, sua fonte pertence ao primeiro, e o *Epítome* reflete a opinião corrente no tempo de Trogo. Essa hipótese é reforçada pelo fato de estudiosos, como Catherine Rubincam (2005) e Brett Bartlett (2014), apontarem que a sua é uma das versões mais negativas – e talvez a mais – sobre Alexandre legadas pela Antiguidade.

O que observamos, em consonância ao que Worthington (2010, p. 167-8) propõe, é que a narrativa é mais simpática em relação à figura de Filipe do que à de Alexandre. Embora este seja capaz de elevar a glória da Macedônia, também será, em certa medida, o responsável por sua queda. De fato, já em 7.2.3-4, Justino anuncia que se acreditava que Alexandre ocasionara o fim do poder de sua linhagem por negligenciar as instruções de Pérdicas I quanto ao local de sepultura dos soberanos macedônios. Contudo, Alexandre não supera seu pai apenas em seus vícios, mas também em suas virtudes, apresentando a mesma ambivalência que ele, mas de modo acentuado. O contraste entre Filipe e Alexandre na passagem citada configura-se, então, como um roteiro daquilo que é interpretado, em Justino, como a degeneração (*degenero* cf. Just. 12.4.1) do conquistador.

Ao longo dos livros XI e XII<sup>8</sup>, podemos conferir Alexandre tendo virtudes. Inicialmente, ao assumir o trono, destaca-se sua *moderatio*, apesar de sua pouca idade, ao ponto de que fosse visto como se tivesse “[...] mudado o corpo do homem, não a virtude do rei”<sup>9</sup> (Just. 11.1.9-10). Sua *prudencia* pode ser notada nas isenções oferecidas a seus súditos e no cuidado com as exéquias de seu pai (Just. 11.1.10-11.2.1), tendo a intenção de firmar um bom relacionamento com seus súditos. Depois, há sua *uafritia* ao interpretar o oráculo sobre o nó de Górdio (Just. 11.7.15-6), e, ao vencer Dario III e tomar seu acampamento, age com os familiares do rei persa com tamanha *humanitas* que surpreende seu inimigo, o qual se considera vencido tanto pelas forças militares como pela virtude do macedônio (Just. 11.12.6-8).

Concomitantemente, o processo de degeneração de Alexandre fica claro após essa vitória, quando se apodera da fortuna persa:

[...] tendo [Alexandre] contemplado as riquezas e a magnificência dos bens de Dario, é tomado pela admiração de tamanhas posses.  
[2] Então, pela primeira vez, começou a frequentar banquetes

<sup>8</sup> Após a passagem citada ao final do livro IX, Justino dedica o livro X, um dos mais curtos do *Epítome*, à sucessão de reis persas. Ali, Alexandre é citado de passagem como opositor de Dario III (Just. 10.3.6-7).

<sup>9</sup> [...] *corpus hominis, non uirtutem regis mutasse* [...].

luxuosos e festins suntuosos, então, também, a amar, devido à beleza de sua figura, a cativa Barsina<sup>10</sup> [...] (Just. 11.10.1-2).

O evento liga-se a um *tópos* que pode ser observado em outras obras da Antiguidade, como na *Ode* 1.38, de Horácio, e, dentro do próprio *Epítome*, a riqueza é apresentada como um elemento corruptor – como quando os gregos têm acesso ao tesouro de Xerxes (Just. 2.14.6) –, enquanto a *paupertas* é louvada, conforme demonstram a descrição da Cítia (Just. 2.2) e a de Viriato, comandante lusitano (Just. 44.2.7-8).

A partir da passagem acima, os vícios de Alexandre tornam-se mais proeminentes. No capítulo seguinte, após conquistar Rodas, o Egito e a Cilícia, dirige-se ao templo de Júpiter de modo a reclamar uma descendência do deus, visto que Filipe negara sua paternidade por desconfiar de uma infidelidade de Olímpíade (Just. 9.5.8 e 11.11.3-5). Embora seja explícito que haja uma preocupação por parte do rei em restaurar a honra de sua mãe (Just. 11.11.3-6), também se nota sua *superbia*<sup>11</sup>:

[...] Alexandre, desejando adquirir uma origem divina e, ao mesmo tempo, libertar a mãe da infâmia, incita os sacerdotes, por meio de emissários, a responderem o que ele desejava. [...] [11] Do mesmo modo, foi respondido aos seus próprios companheiros que venerassem Alexandre como um deus, não como um rei. [12] A partir de então, a insolência dele se ampliou, e uma espantosa soberba cresceu em seu ânimo, suprimida a afabilidade que aprendera com as letras dos gregos e os costumes dos macedônios<sup>12</sup> (Just. 11.11.6-12).

A passagem aponta que a *insolentia* e a *superbia* de Alexandre já lhe eram inatas, mas haviam sido controladas via educação e moderação adquiridas com os povos com que crescera. Logo, os vícios podem ser remediados por determinados hábitos, mas também incentivados por outros. Há também uma clara

<sup>10</sup> [...] *opes Darii diuitiarumque adparatum contemplatus admiratione tantarum rerum capitur. [2] Tunc primum luxuriosa conuiuia et magnificentiam epularum sectari, tunc et Barsinen captiuam diligere propter formae pulchritudinem coepit [...]*.

<sup>11</sup> Valério Máximo, em cuja obra a figura de Alexandre é mais positiva, nota que o desejo de ser filho de Júpiter já marca a soberba de Alexandre: “[a] virtude e a felicidade do rei Alexandre deixou-se levar por três passos muito evidentes de insolência: com efeito, reivindicou como pai Jove Âmon com desdém por Filipe; com tédio quanto aos hábitos e costumes macedônicos, assumiu veste e práticas persas; desprezando sua condição de mortal, emulou uma divina, e não se envergonhou ao dissimular a de filho, de cidadão, de homem” (V. Max. 9.5 ext. 1); *Alexandri regis uirtus ac felicitas tribus insolentiae euidetissimis gradibus exultauit: fastidio enim Philippi louem Hammonem patrem ascuiuit, taedio morum et cultus Macedonici uestem et instituta Persica adsumpsit, spreto mortali habitu diuinum, aemulatus est, nec fuit ei pudori filium, ciuem, hominem dissimulare*.

<sup>12</sup> [...] *Alexander cupiens originem diuinitatis acquirere, simul et matrem infamia liberare, per praemissos subornat antistites quid sibi responderi uellet. [...] [11] Comitibus quoque suis responsum, ut Alexandrum pro deo, non pro rege colerent. [12] Hinc illi aucta insolentia mirusque animo increuit tumor exempta comitate quam et Graecorum litteris et Macedonum institutis didicerat*.

oposição com seu pai que, ao vencer toda a Grécia, “[...] ordenou que fosse chamado não de rei da Grécia, mas de comandante”<sup>13</sup> (Just. 9.4.2), enquanto Alexandre deseja ser visto como um deus. Tais vícios ampliar-se-ão conforme o rei decide adotar os costumes persas:

[7, 1] [d]epois, ocorreu o que, de início, refreara quanto ao costume persa para que as arrogâncias régias não fossem todas ao mesmo tempo mais odiosas: ordena que não seja saudado, mas adorado. [2] Entre os que se recusavam mais veementemente estava Calístenes. Essa ação foi a ruína não só dele, mas de muitos aristocratas macedônios, visto que todos foram mortos, sob a acusação de tramar insídias. [3] Contudo, rejeitada a adoração ao rei pelos macedônios, o costume de saudá-lo é mantido<sup>14</sup> (Just. 12.7.1-3).

A adoção dessas práticas gera conflitos com seus súditos: Calístenes, que estudara junto a ele sob a supervisão de Aristóteles e o acompanhava em suas campanhas para narrar seus feitos (Just. 12.6.17), é duramente torturado devido à sua resistência, sendo morto, posteriormente, por misericórdia de Lisímaco (Just. 15.3.3-6). A futilidade de seu castigo é clara quando se observa que os macedônios, no geral, negam-se a adorar o rei – o que demonstra que Calístenes não tivera uma atitude desviante –, e Alexandre precisa voltar atrás em sua exigência.

Além de sua posição individual, Alexandre busca influenciar os costumes de seus súditos:

[...] Alexandre toma a indumentária dos reis persas e o diadema antes incomum para os reis macedônicos, como se tivesse aderido às leis daqueles que vencera. [9] E para que esses não fossem vistos como algo mais odioso por serem apenas dele, ordena que seus próprios amigos adotem, do mesmo modo, uma longa veste dourada e purpúrea. [10] Para que fosse imitado, do mesmo modo, o luxo assim como a cultura dos persas, distribui os turnos da noite entre os bandos de concubinas reais, escolhidas por sua beleza e nobreza. [11] A isso, soma grandiosos preparativos de festins, de modo que seu excesso não parecesse escasso e decadente, e embeleza o banquete com jogos segundo a magnificência régia, [12] sem se lembrar, em suma, que tamanhas riquezas costumam ser perdidas por esses costumes, não obtidas<sup>15</sup> (Just. 12.3.8-12).

<sup>13</sup> [...] *nec regem se Graeciae, sed ducem appellari iussit.*

<sup>14</sup> [7, 1] *Dein, quod primo ex Persico superbiae regiae more distulerat ne omnia pariter inuidiosiora essent, non salutari, sed adorari se iubet. [2] Acerrimus inter recusantes Callisthenes fuit. Quae res et illi et multis principibus Macedonum exitio fuit, siquidem sub specie insidiarum omnes interfecti. [3] Retentus tamen est a Macedonibus mos salutandi regis explosa adoratione.*

<sup>15</sup> [...] *Alexander habitum regum Persarum et diadema insolitum antea regibus Macedonicis, uelut in leges eorum quos uicerat, transiret, adsumit. [9] Quae ne inuidiosius in se uno conspicerentur, amicos*

O rei é capaz de prever que sua decisão causará atrito, de modo que tenta aplacar possíveis detratores ao, em certa medida, corrompê-los. Ainda que isso possa gerar o resultado esperado por ele naquele instante, o narrador deixa claro seu julgamento quanto às ações de Alexandre, vistas como dissolutas, o que funciona, de certo modo, como um anúncio do fim a que será submetido.

As tensões com seus subordinados seguem alastrando-se de acordo com a conduta de Alexandre. Este, além de soberbo, passa a se apresentar como irado, principalmente ao ser comparado a seu antecessor:

[5, 1] [e]ntrementes, Alexandre começa a se enfurecer com os seus não com o ódio de um rei, mas com o de um inimigo. [2] Indignava-se, excessivamente, se, nos diálogos com os seus, fosse repreendido por ter arruinado os costumes de seu pai Filipe e da pátria. [3] Devido a essas acusações, é assassinado, do mesmo modo, o ancião Parmênio – próximo em dignidade a um rei – junto a seu filho, Filotas, tendo antes questionado um e outro<sup>16</sup> (Just. 12.5.1-3).

E também:

[...] [e]m um dia solene, chama os amigos a um banquete, [2] em que, principiada, entre os ébrios, a menção aos feitos realizados por Filipe, ele mesmo, assentindo a maior parte dos convidados, começou a se colocar acima de seu pai e a exaltar a grandeza das suas próprias ações. [3] E, assim, quando um dos anciões, Clito, em confiança à amizade do rei, cuja palma segurava, defendeu a memória de Filipe e louvou os feitos dele, tanto ofendeu ao rei que, com um dardo tomado de seu guarda, o trucidou em meio ao banquete. [4] Exultante com esse massacre, opunha-se à defesa de Filipe e ao louvor das campanhas paternas pelo morto. [5] Depois que seu ânimo, saciado pelo massacre, acalmou-se, e, no lugar da ira, sucedeu o juízo, considerando ora a pessoa morta, ora a causa de o ter matado, começou a se arrepender do que havia feito; [6] pois teria ouvido louvores ao pai com uma ira tal que não estaria reservada nem mesmo aos insultos e lhe doía que um amigo velho e inofensivo tivesse sido morto por ele em meio aos festins e às bebidas. [7] Convertido, então, ao remorso com o mesmo furor com que antes fora

---

*quoque suos longam uestem auratam purpureamque sumere iubet. [10] Vt luxum quoque sicut cultum Persarum imitaretur, inter paelicum regiarum greges electae pulchritudinis nobilitatisque noctium uices diuidit. [11] His rebus ingentes epularum apparatus adicit, ne ieiuna et destructa luxuria uideretur, conuiuiumque iuxta regiam magnificentiam ludis exornat, [12] inmemor prorsus tantas opes amitti his moribus, non quaeri solere.*

<sup>16</sup> [5, 1] *Interea Alexander non regie, sed hostili odio saeuire in suos coepit. [2] Maxime indignabatur carpi se sermonibus suorum patris Philippi patriaeque mores subuertisse. [3] Propter quae crimina Parmenio quoque senex, dignitate regi proximus, cum Philota filio, de utroque prius quaestionibus habitis, interficitur.*

à ira, quis morrer. [...] [17] Foram muito úteis as preces do filósofo Calístenes, ligado a ele como condiscípulo de Aristóteles e chamado, então, para junto do próprio rei para transmitir as memórias dos atos dele<sup>17</sup> (Just. 12.6.1-7 e 17).

Os arroubos de sua ira ligam-se à sua incapacidade de ser moderado nesses contextos, o que o leva ao tratamento injusto de pessoas que o consideravam próximo e impacta sua imagem. Como se prediz na comparação entre Filipe e Alexandre, o rei tornar-se-á um carrasco de seus amigos (Just. 9.8.16), lançando-os a duros castigos que são desproporcionais às suas faltas. Embora pareça incomodar-se com o resultado de suas ações<sup>18</sup> e ainda que busque remediar o que projeta, isso ocorre mais pela permissão para que o acompanhassem em seus desvios<sup>19</sup> e, quando isso falha, pela eliminação e pelo afastamento daqueles que enxerga como seus detratores<sup>20</sup>, do que pela reforma de seu comportamento. Por

<sup>17</sup> [...] *sollemni die amicos in conuiuium uocat, [2] ubi orta inter ebrios rerum a Philippo gestarum mentione praeferre se patri ipse rerumque suarum magnitudinem extollere caelo tenus coepit adsentante maiore conuiuorum parte. [3] Itaque cum unus e senibus, Clitos, fiducia amicitiae regiae, cuius palmam tenebat, memoriam Philippi tueretur laudaretque eius res gestas, adeo regem offendit, ut telo a satellite raptò eundem in conuiuio trucidauerit. [4] Qua caede exultans mortuo patrocinium Philippi laudemque paternae militiae obiebat. [5] Postquam satiatus caede animus conqueiuit et in irae locum successit aestimatio, modo personam occisi, modo causam occidendi considerans, pigere eum facti coepit; [6] quippe paternas laudes tam iracunde accepisse se quam nec conuicia debuisset, amicisque senem et innocuum a se occisum inter epulas et pocula dolebat. [7] Eodem igitur furore in paenitentiam quo pridem in iram uersus mori uoluit. [...] [17] Multum profuere Callisthenis philosophi preces; condiscipulatu apud Aristotelen familiaris illi et tunc ab ipso rege ad prodenda memoriae acta eius accitus.*

<sup>18</sup> Cf. “[14] [e]ntão, vieram a seu encontro Parmênio e Filotas, então, Amintas, seu primo, então, a madrasta e os irmãos mortos, então, Átalo, Euríloco, Pausânias e outros aristocratas da Macedônia extintos. [15] Por isso, ele esteve quatro dias sem comer [...]” (Just. 12.6.14-5); [14] *Tunc Parmenion et Philotas, tunc Amyntas consobrinus, tunc nouerca fratresque interfecti, tunc Attalus, Eurylochus, Pausanias aliique Macedoniae extincti principes occurrerunt. [15] Ob haec illi quadriduo perseuerata inedia est [...].*

<sup>19</sup> Cf. “[...] por todo o acampamento havia uma indignação geral, porque ele teria degenerado a tal ponto em relação a seu pai, que também rejeitara o nome da pátria e assumira os costumes dos persas. [2] Mas, para que não parecesse ter sucumbido sozinho aos vícios daqueles que submetera pelas armas, permitiu, do mesmo modo, a seus próprios soldados, se tinham uma ligação com suas cativas, tomá-las como esposas, [3] julgando que o desejo de voltar à pátria deveria ser menor ao terem, nos acampamentos, alguma semelhança dos lares e da morada doméstica; [4] igualmente, o trabalho militar também seria mais brando com a doçura das esposas” (Just. 12.4.1-4); [...] *indignatio omnium totis castris erat, a Philippo illum patre tantum degenerasse, ut etiam patriae nomen eiuraret moresque Persarum adsumeret, quos propter tales mores uicerat. [2] Sed ne solus uitii eorum quos armis subiecerat, succubuisse uideretur, militibus quoque suis permisit, si quarum captiuarum consuetudine tenerentur, ducere uxores, [3] existimans minorem in patriam reditus cupiditatem futuram habentibus in castris imaginem quandam larum ac domesticae sedis; [4] simul et laborem militiae molliorem fore dulcedine uxorum.*

<sup>20</sup> Cf. “[4] E, assim, pelo acampamento inteiro, todos começaram a murmurar, compadecendo-se com a desgraça do ancião [Parmênio] e do filho [Filotas] inocentes, dizendo que, por outro lado, não deveriam, do mesmo modo, esperar por algo melhor. [5] Quando isso foi anunciado a Alexandre, receando que essa opinião também se espalhasse pela Macedônia, e que a glória de sua vitória se ofuscasse pela mácula de sua fúria, simula que enviaria alguns de seus amigos à pátria como mensageiros de sua vitória. [6] Exorta os soldados, que teriam mais rara ocasião para isso devido a uma campanha mais remota, a escreverem aos seus. [7] Ordena que lhe sejam levados, em segredo,

consequente, o rei afasta-se da Macedônia não só geograficamente ao buscar dominar o Oriente, mas também nas relações com seu povo em sua origem (WORTHINGTON, 2010, p. 173).

Assim, na segunda passagem acima, remarca-se não só sua proximidade com Calístenes – cuja recompensa em o dissuadir do suicídio o leitor saberá mais à frente na narrativa<sup>21</sup>, conforme já abordamos –, mas também a posição do rei no que se refere a seu pai. Ao considerar que apenas suas conquistas mereciam elogio, Alexandre distancia-se daqueles filhos que superam os pais e que eram dignos de serem louvados por seu respeito a eles, como os elencados por Ovídio nas *Metamorfoses* (15.850-8).

Obviamente, a narrativa também retrata Alexandre como um general habilidoso. A partir das forças reunidas por Filipe (Just. 7.6.8 e 11.6.4-7), dominará o Oriente, comemorando sua vitória ao cobrir “[...] os arneses dos cavalos e as armas dos soldados de prata<sup>22</sup> e cham[ando] seu exército de argiráspidas, devido a seus escudos argênteos”<sup>23</sup> (Just. 12.7.5). Também formará uma tropa invicta ao fazer com que seus soldados, os epígonos, nascessem, crescessem, se educassem, se casassem e tivessem filhos, reiniciando o ciclo, dentro de seu acampamento militar, de modo que não fosse necessário retornar à pátria ou a exaurir, já que o próprio acampamento era visto como a pátria deles (Just. 12.4.2-11).

De certa forma, contudo, essa atitude acaba por também o afastar da Macedônia, e mesmo sua relação com seus soldados é comprometida, quando, após tantas vitórias, acreditavam que seriam dispensados<sup>24</sup> (Just. 12.11.4-6). Diante da

---

os maços de cartas entregues; [8] a partir das quais, conhecido o juízo de cada um a seu respeito, reuniu em uma mesma hoste aqueles que tinham opinado mais duramente sobre o rei, para ou aniquilá-los ou, nos confins de seus territórios, distribuí-los em colônias” (Just. 12.5.4-8); [4] *Fremere itaque omnes uniuersis castris coepere innoxii senis filiique casum miserantes, interdum se quoque non debere melius sperare dicentes.* [5] *Quae cum nuntiata Alexandro essent, uerens ne haec opinio etiam in Macedoniam diulgaretur et uictoriae gloria saeuitiae macula infuscaretur, simulat se ex amicis quosdam in patriam uictoriae nuntios missurum.* [6] *Hortatur milites suis scribere, rariorem habituros occasionem propter militiam remotiorem.* [7] *Datos fasces epistularum tacite ad se deferri iubet;* [8] *ex quibus cognito de se singulorum iudicio in unam cohortem eos qui de rege durius opinati fuerant, contribuit, aut consumpturus eos aut in ultimis terris in colonias distributurus.*

<sup>21</sup> Como já citado em Just. 12.7.2. A tortura e a morte de Calístenes são narradas com mais detalhes em Just. 15.3.3-6, quando o autor trata de Lisímaco.

<sup>22</sup> Uma escolha que pode ser considerada um tanto irônica quando, ao se deparar com as forças de Dario, o rei dissera a seu exército “[...] que desprez[ass]em aquela linha de batalha que refulgia com ouro e prata, na qual haveria muito mais de pilhagem do que de perigo, já que a vitória não se busca com o esplendor de ornamentos, mas com a bravura do ferro” (Just. 11.13.11); [...] *spernant illam aciem auro et argento fulgentem, in qua plus praedae quam periculi sit, cum uictoria non ornamentorum decore, sed ferri uirtute quaeratur.* Se por um lado sua opção é justificável por se ter demonstrado invencível em sua campanha no Oriente, por outro, tal decisão é descrita logo após sua exigência de que fosse adorado como os reis persas eram.

<sup>23</sup> [...] *phaleras equorum et arma militum argento inducit exercitumque suum ob argenteos clipeos Argyraspidas appellauit.*

<sup>24</sup> A expectativa é verossímil, pois, antes de se bater com Dario pela primeira vez, o rei “[...] lembra os macedônios ora da Europa vencida, ora da Ásia tão almejada, vangloria-se de que não são encontrados homens iguais a eles em todo o orbe terrestre; [6] de resto, esse também haveria de ser

negativa parcial, após punir os revoltosos com suas próprias mãos, pois não fora capaz de os persuadir com palavras (Just. 12.11.7-9), Alexandre decide substituí-los<sup>25</sup>:

[...] dirige-se às tropas auxiliares dos persas em uma assembleia à parte. [2] Louva a sua fidelidade constante em relação a ele assim como aos antigos reis; recorda seus benefícios a eles; que nunca os teve como vencidos, mas como aliados na vitória; enfim, que seguira o costume deles, não eles, o de sua própria gente; que unira os vencedores aos vencidos pelos laços de casamentos. [3] Depois, fala, do mesmo modo, que confiaria a guarda de sua própria pessoa não tanto aos macedônios como a eles. [4] E, assim, escolhe, dentre esses, mil jovens para sua guarda e une a seu exército uma porção das tropas auxiliares formada na disciplina macedônia. [5] Os macedônios receberam mal essa ação, dizendo que os seus próprios inimigos eram colocados, pelo rei, em sua própria função. [6] Por isso, todos procuram o rei, chorando; rogam para que, antes, saciesse com os seus suplícios do que com essas afrontas<sup>26</sup> (Just. 12.12.1-6).

Depois desta decisão, Alexandre dispensa parte dos soldados macedônios como eles desejavam, todavia, a antipatia em relação ao rei já estava estabelecida – se, ao subir ao trono, ele fora comparado a um igual a Filipe, ao assumir hábitos persas, é considerado como alguém que havia degenerado. Logo após a passagem citada acima, o temor que Alexandre inspirava em seus amigos custava-lhe a vida, já que não tem uma morte gloriosa em campo de batalha, mas é envenenado por causa da indisposição de Antípatro em relação a ele:

---

o fim de seus trabalhos e o cume de sua glória” (Just. 11.9.5-6); [5] *Macedonas autem nunc Europae uictae admonet, nunc Asiae expetitae, nec inuentos illis toto orbe pares uiros gloriatur*; [6] *ceterum et laborum finem hunc et gloriae cumulum fore*. Contudo, após vencer as forças do rei persa, Alexandre ocupa-se, na verdade, com uma longa expedição pelo Oriente até chegar à Índia.

<sup>25</sup> Embora a decisão, como outras, seja apresentada como negativa no *Epítome*, é possível se considerar que a efetividade do governo de Alexandre sobre os povos estrangeiros estava, ao menos em parte, ligada à sua capacidade de integrá-los a suas forças e de compartilhar com eles seus costumes (GREENWALT, 2010). Em Justino, todavia, há uma oposição entre um “nós” (gregos, macedônios e romanos), cujos hábitos são considerados adequados, e um “eles” (principalmente persas), que seriam corruptores, o que poderia refletir também o sentimento dos súditos macedônios de Alexandre.

<sup>26</sup> [12, 1] *Inde separatim auxilia Persarum in contione adloquitur*. [2] *Laudat perpetuam illorum cum in se tum in pristinos reges fidem; sua in illos beneficia commemorat ut numquam quasi uictos, sed ueluti uictoriae socios habuerit, denique se in illorum, non illos in gentis suae morem transisse, adfinitatibus conubiorum uictos uictoribus miscuisse*. [3] *Tum quoque ait custodiam corporis sui non Macedonibus tantum se, uerum et illis crediturum*. [4] *Atque ita mille ex his iuuenes in numerum satellitum legit auxiliorumque portionem formatam in disciplinam Macedonum exercitui suo miscet*. [5] *Quam rem aegre Macedones tulerunt, iactantes hostes suos in officium suum a rege subiectos*. [6] *Tunc uniuersi flentes regem adeunt; orant suppliciiis suis potius saturaret se quam contumeliis*.

[6] [d]e volta, então, à Babilônia, após ter dedicado muitos dias ao ócio, [Alexandre] marca um banquete, conforme o hábito há muito interrompido; [7] e, todo entregue à felicidade, juntara a noite com o dia em vigília. [...] [8] Tendo aceitado uma taça, de repente, na metade da bebida, gemeu como se trespassado por um dardo [9] e, retirado do banquete semimorto, foi torturado por tamanha dor que reclamava o ferro como remédio, e o toque dos homens doía-lhe como se o ferissem. [10] Os amigos espalharam que a causa da enfermidade foi o excesso de bebedeira, contudo, na verdade, as causas foram as insídias, cuja infâmia foi subjugada pelo poder dos sucessores.

[14, 1] O responsável pelas insídias foi Antípatro, pois viu que os amigos dele, muito queridos, foram mortos; que Alexandre dos linceatas, seu próprio genro, foi assassinado; [2] que ele, após grandiosos feitos na Grécia, não era, junto ao rei, tão digno de agradecimento quanto odioso; [3] que, do mesmo modo, foi abalado pelas várias acusações da mãe dele, Olímpíade. [4] A isso, ajuntar-se-iam os suplícios perpetrados cruelmente, poucos dias antes, aos intendent das nações vencidas. [5] Por esses motivos, pensava, do mesmo modo, que não fora chamado à Macedônia para uma aliança militar, mas para uma punição. [6] Então, para se anteceder ao rei, incita o filho Cassandro [...] para que fosse dado um veneno a ele<sup>27</sup> (Just. 12.13.6-12.14.1-6).

Perceba-se que não só a ocasião para seu envenenamento apresenta-se devido a seus hábitos ociosos – conforme o narrador indicara anteriormente –, como o acobertamento utilizado por seus amigos deveria parecer verossímil ao povo devido à frequência com que o rei embebedava-se. Neste ponto, Justino afasta-se – enfaticamente pelo uso de *uera* – de outras versões e da crença de parte do exército do rei<sup>28</sup>, pois, enquanto o envenenamento aparece como possibilidade em outros autores – como Diodoro (17.117.5-118.2) –, tende-se à negativa quanto a essa posição em Plutarco (*Alex.* 77.1-5) e Arriano (7.27), por exemplo.

<sup>27</sup> [6] *Reuersus igitur Babyloniam multis diebus otio datis intermissum olim conuiuium sollemniter instituit*; [7] *totusque in laetitiam effusus cum diei noctem peruigilem iunxisset*, [...] [8] *Accepto poculo media potione repente uelut telo confixus ingemuit* [9] *elatusque conuiuio semianimis tanto dolore cruciatus est, ut ferrum in remedia posceret tactumque hominum uelut uulnera indolesceret*. [10] *Amici causas morbi intemperiem ebrietatis disseminauerunt, re autem uera insidiae fuerunt, quarum infamiam successorum potentia oppressit*.

[14, 1] *Auctor insidiarum Antipater fuit, qui cum carissimos amicos eius interfectos uideret, Alexandrum Lyncestarum, generum suum, occisum*, [2] *se magnis rebus in Graecia gestis non tam gratum apud regem quam inuidiosum esse*, [3] *a matre quoque eius Olympiade uariis se criminationibus uexatum*. [4] *Huc accedebant ante paucos dies supplicia in praefectos deuictarum nationum crudeliter habita*. [5] *Ex quibus rebus se quoque a Macedonia non ad societatem militiae, sed ad poenam uocatum arbitrabatur*. [6] *Igitur ad occupandum regem Cassandrum filium dato ueneno subornat*, [...].

<sup>28</sup> “[2] Logo, ele mesmo [Alexandre] acalmou os soldados que causavam tumulto e suspeitavam que o rei perecia devido a insídias [...]” (Just. 12.15.2); [2] *Tumultuantes deinde milites insidiisque perire regem suspicantes ipse sedauit* [...].

Normalmente, considera-se que o rei teria, de fato, adoecido após uma bebedeira, o que em Justino, como se vê na citação, seria apenas a justificativa apresentada por aqueles que tinham interesse na morte do rei para acobertar o assassinato. Com isso, sua morte torna-se, no *Epítome*, efeito direto tanto das atitudes ociosas do rei, como das decisões daqueles que o cercam.

De qualquer forma, Alexandre sofrerá por quatro dias, até que, assim como sua mãe posteriormente (Just. 14.6.9-12), demonstra *fortitudo* diante da morte, sendo capaz mesmo de consolar aqueles que se desesperam com sua perda (Just. 12.15.2-4). Moribundo, o rei prevê que haverá grande derramamento de sangue em sua sucessão (Just. 12.15.6), mas não parece perceber que o ocasionara ao não estabelecer com antecedência um sucessor inequívoco, nem observar a importância dos casamentos políticos, como seu pai fizera (WORTHINGTON, 2010, p. 171-2). Mesmo que entregue seu anel a Pérdicas, indicando-o como seu sucessor (Just. 12.15.12-3), os livros subsequentes narram longas disputas pelo poder macedônio, enquanto sua descendência direta, ainda muito jovem para assumir o trono, é dizimada junto às mulheres<sup>29</sup> com que tivera filhos, Roxane e Barsina (Just. 15.2.3-5).

Assim como fizera com Filipe, Justino encerra a narrativa individual acerca de Alexandre avaliando-o. A primeira parte é dedicada aos presságios que indicariam sua grandeza mesmo antes de seu nascimento<sup>30</sup>; a segunda, a seus feitos de maneira mais direta:

[16, 1] Alexandre morreu aos trinta e três anos e um mês, homem dotado de uma grandeza de ânimo sobre-humana. [2] Na noite em que sua mãe, Olímpíade, o concebeu, viu-se, durante o sono, ser enrolada por uma serpente enorme e não foi enganada pelo sonho, pois, sem dúvida, levou em seu útero uma obra maior do que a mortalidade humana; [...] [4] Alguns prodígios da grandeza dele apareceram mesmo em seu nascimento. [5] Com efeito, naquele dia em que nasceu, duas águias repousaram, durante todo o dia, no alto da casa do pai dele, anunciando o presságio da dupla soberania, a da Europa e a da Ásia. [6] Do mesmo modo, naquele mesmo dia, o pai dele recebeu a notícia de duas vitórias [...] recebida a soberania, [Alexandre] ordenou que fosse chamado de rei de todas as terras e do mundo [10] e deu tamanha confiança a seus soldados, que, estando ele presente, desarmados, não temiam as armas de inimigo algum. [11] E, assim, não lutou contra inimigo algum que não tenha

<sup>29</sup> Com exceção de Cleófide, rainha indo, e seu filho, Alexandre, que não são mais mencionados no texto após Just. 12.7.9-11. O rei também poderia ter descendência com Taléstris, rainha das Amazonas, mas o texto não explicita se a criança foi de fato gerada, e, logo após o encontro entre os soberanos, as Amazonas teriam desaparecido com a morte de sua rainha (Just. 2.4.33; 12.3.5-7 e 42.3.7).

<sup>30</sup> O que também acontece com outras personagens do *Epítome*, como Ciro II (Just. 1.4.2-5).

vencido, não sitiou urbe alguma que não tenha tomado de assalto, não atacou gente alguma que não tenha suplantado. [12] Por último, foi vencido, no fim, não pela virtude do inimigo, mas pelas insídias dos seus e pela fraude dos cidadãos<sup>31</sup> (Just. 12.16).

Separadamente, ao contrário do que ocorre com Filipe quando se remarca sua ambivalência, o tom desta passagem tende ao louvor, já que a grandeza de Alexandre é destacada. Algo de sua soberba pode ser entrevisto em 12.16.9, ao exigir ser chamado de senhor do mundo (*regem terrarum omnium ac mundi*), mas o enfoque está em suas conquistas. O processo faz sentido já que o rei fora capaz de expandir seu poder até o que era considerado, à época, os confins do mundo, sempre superando as dificuldades que se apresentavam em seu caminho<sup>32</sup>. Contudo, o leitor que acompanhou sua história até ali sabe que as insídias de que Alexandre é vítima são motivadas por sua conduta: se o recorte é um alerta sobre aqueles que cercam as figuras de poder, o retrato de Alexandre o é quanto às consequências do comportamento desmedido dessas mesmas figuras.

### Considerações finais

240

Em suas *Epístolas*, Sêneca (*Ep.* 94.61-2) critica a construção dos *exempla*, porque se isolam apenas os feitos que são considerados virtuosos, perdendo-se, então, a dimensão do todo. De fato, em separado, as ações de Alexandre podem ser destacadas como *exempla* de virtude ou de vício, o que é evidenciado pelo fato de que muitos dos feitos narrados por Justino aparecem também na obra de Valério Máximo. Contudo, embora Justino explicitamente esteja interessado na recolha desse tipo de estrutura a partir das *Histórias Filípicas*, o abreviador opta não por realizar uma catalogação, tal como Valério, mas por manter os *exempla* unidos por uma narrativa contínua mais longa. Com isso, permite-se ter uma visão mais global da atuação do rei e do processo que ocasionará sua queda, bem como o comparar com outras personagens que permeiam sua narrativa e cujas histórias são descritas com mais detalhes em outras passagens. Por conseguinte,

<sup>31</sup> [16, 1] *Decessit Alexander mense uno, annos tres et XXX natus, uir supra humanam potentiam magnitudine animi praeditus.* [2] *Qua nocte eum mater Olympias concepit, uisa per quietem est cum ingenti serpente uolutari, nec decepta somnio est, nam profecto maius humana mortalitate opus utero tulit; [...]* [4] *Prodigia magnitudinis eius ipso ortu nonnulla apparuere.* [5] *Nam ea die qua natus est, duae aquilae tota die perpetes supra culmen domus patris eius sederunt, omen duplicis imperii, Europae Asiaeque, praeferentes.* [6] *Eadem quoque die nuntium pater eius duarum uictoriarum accepit [...]* [9] *Accepto deinde imperio regem se terrarum omnium ac mundi appellari iussit* [10] *tantamque fiduciam sui militibus fecit, ut illo praesente nullius hostis arma nec inermes timuerint.* [11] *Itaque cum nullo hostium umquam congressus est quem non uicerit, nullam urbem obsedit quam non expugnauerit, nullam gentem adiiit quam non calcauerit.* [12] *Victus denique ad postremum est non uirtute hostili, sed insidiis suorum et fraude ciuili.*

<sup>32</sup> Como quando o rei Ambiger tenta repelir seu exército com flechas envenenadas, o que se mostra efetivo até que Alexandre sonha com um antídoto (Just. 12.10.2-4).

demonstra-se que mesmo um conquistador com fama de ser filho de um deus e cujos atos funcionariam como um reforço a essa fama não está isento das consequências de seus próprios vícios e dos atos daqueles que o circundam.

## REFERÊNCIAS

ARNAUD-LINDET, Marie-Pierre. Introduction, annexes et notes. In: JUSTINUS. **Abrégé des Histoires Philippiques de Trogue Pompée**. Tradução para o francês, notas e texto estabelecido por Marie-Pierre Arnaud-Lindet. 2003. Disponível em: [https://www.hs-augsburg.de/~harsch/Chronologia/Lspost04/Iustinus/ius\\_eint.html](https://www.hs-augsburg.de/~harsch/Chronologia/Lspost04/Iustinus/ius_eint.html). Acesso em: 28 out. 2024.

BARTLETT, Brett. Justin's *Epitome*: the unlikely adaptation of Trogus' *World history*. **Histos**, v. 8, p. 246-83, 2014. Disponível em: <https://histos.org/documents/2014A09BartlettJustinsEpitome.pdf>. Acesso em: 29 out. 2024.

GREENWALT, William S. Argead *Dunasteia* during the reigns of Philip II and Alexander III: Aristotle reconsidered. In: CARNEY, Elizabeth; OGDEN, Daniel (ed.). **Philip II and Alexander the Great: Father and Son, Lives and Afterlives**. New York: Oxford University Press, 2010. p. 151-63.

JUSTINO. *Epítome das Histórias Filípicas de Pompeio Trogo*. Tradução de J. F. Mello In: MELLO, Jéssica Frutuoso. **"Farei de você um exemplo"**: tradução integral, com notas e comentários, do *Epítome das Histórias Filípicas*, de Justino. Tese (Doutorado em Letras: Estudos Literários) – Faculdades de Letras, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2024. Disponível em: <https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/16777>. Acesso em: 01 out. 2024.

LANGLANDS, Rebecca. **Exemplary ethics in ancient Rome**. Cambridge; New York: Cambridge University Press, 2018.

MELLO, Jéssica Frutuoso. **"Farei de você um exemplo"**: tradução integral, com notas e comentários, do *Epítome das Histórias Filípicas*, de Justino. Tese (Doutorado em Letras: Estudos Literários) – Faculdades de Letras, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2024. Disponível em: <https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/16777>. Acesso em: 01 out. 2024.

ROLLER, Matthew B. **Models from the past in Roman culture: a world of exempla**. Cambridge; New York: Cambridge University Press, 2018.

RUBINCAM, Catherine. A tale of two "Magni": Justin/Trogus on Alexander and Pompey. **Historia: Zeitschrift Für Alte Geschichte**, v. 54, n. 3, p. 265-74, 2005. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/4436774>. Acesso em: 29 out. 2024.

VALERIUS MAXIMUS. **Factorum et Dictorum Memorabilium**: libri nouem, edição de Karl Friedrich Kempf. 2. ed. Stuttgart: Teubner, 1966.

Antes temido do que amado: a queda de Alexandre, o Grande, no Epítome das Histórias Filípicas de Pompeio Trogo

WORTHINGTON, Ian. “Worldwide Empire” versus “Glorious Enterprise”: Diodorus and Justin on Philip II and Alexander the Great. *In*: CARNEY, Elizabeth; OGDEN, Daniel (ed.). **Philip II and Alexander the Great: Father and Son, Lives and Afterlives**. New York: Oxford University Press, 2010. p. 165-74.

Data de envio: 4/11/2024

Data de aprovação: 15/12/2025

Data de publicação: 15/06/2026